

Em Portugal, a experiência é inédita. E promete ser inesquecível para as crianças que, entre os seis e os 15 anos, têm a oportunidade de passar uma noite fora de casa e conviver de um modo, no mínimo surpreendente, com a ciência. «Uma Noite no Museu» assim se chama a iniciativa que preencherá as noites de sábado deste Verão e que permite aos mais jovens contactar, de noite, com um «mundo» de conhecimento que muitos já conhecem à luz do dia *Texto de Cristina Pombo Fotografias de José Ventura*

O Duarte ainda não sabe o que quer ser quando for grande, mas tem a certeza de que, com apenas sete anos de idade, vai viver uma noite inesquecível. A Ana Margarida, dois anos mais velha, não tem dúvidas de que quer ser cientista. Adora experimentar e fazer novas descobertas. Um dia, se puder,

quer trabalhar em França. De mochila às costas, saco-cama e lanterna na mão, trazem os olhos a brilhar como cristais.

A Ana e o Duarte não se conhecem, mas têm algo em comum. Preparam-se para passar uma noite a sonhar com a ciência, na companhia de outras nove crianças. «Uma



Noite no Museu» é uma iniciativa pioneira em Portugal que acontece todos os sábados até Outubro, no Pavilhão do Conhecimento, em Lisboa. Rosália Vargas, directora do pavilhão, diz que a ideia surgiu da vontade de fazer coisas com os mais pequenos e despertar-lhes o gosto pela ciência. A experiência surgiu em Londres, no Museu de História Natural, embora com contornos um pouco diferentes. «São grandes grupos de estudantes que eles convidam para passar lá a noite, na companhia dos professores. Em contrapartida, aqui quisemos dirigir-nos a uma faixa etária mais jovem. Sem pais e sem professores», explica.

Às sete da tarde, as portas do museu fecham-se ao público. Poucos minutos depois, iniciam-se os preparativos para receber os visitantes fora-de-horas, que vêm cheios de energia e acompanhados pelos pais. Têm entre seis e 15 anos de idade e trazem um sorriso estampado no rosto. Afinal, não é todos os dias que se dorme uma noite fora de casa. Os pais não parecem preocupados e mos-





Cientistas por uma noite

tram-se fascinados com o espaço. Entre despedidas, beijos e algumas recomendações, vão abandonando o pavilhão com a convicção de terem deixado os filhos em boas mãos. A mãe da Ana Margarida, inscreveu-a quando tomou conhecimento da iniciativa pela televisão. É grande a sua confiança no projecto até porque, diz, «esta pode ser uma experiência interessante, já que a Ana vai passar para o 5º ano e um contacto prévio com a



ciência pode vir a ser-lhe útil». À semelhança dos outros elementos do grupo, dormir fora de casa não será novidade para a Ana, que já participou em colónias de férias com as colegas de escola. Só que, desta vez, tudo vai passar-se no interior de um museu que muitos já visitaram durante o dia e aguardam ansiosos para conhecer, ao cair da noite.

Os pequenos cientistas recebem as primeiras instruções comodamente sentados e

um pouco irrequietos. É nesse momento que conhecem Carla e João, dois monitores vestidos com batas amarelas, que os vão acompanhar bem de perto durante a noite. São ambos estudantes da área de ciências, à semelhança da restante equipa, e têm uma vasta experiência no que respeita ao acompanhamento de grupos no pavilhão. Segundo Rosália Vargás, «a execução deste projecto é possível graças ao contributo dos cerca de 80 trabalhadores do pavilhão, desde as senhoras da limpeza aos técnicos de manutenção».

Uma das funções dos monitores é fomen-



tar o espírito de equipa entre as crianças, até porque as tarefas têm início com a montagem do acampamento na Casa Inacabada. Uma habitação muito curiosa, onde faltam paredes e janelas e os tijolos são feitos de esponja. Deslumbrados e cheios de vitalidade, os pequenos empreiteiros metem mãos à obra. É altura de colocar os capacetes e mostrar o que valem. Em apenas meia hora, o esforço e dedicação dos construtores de palmo e meio dava os seus frutos. A casa estava solidamente de pé, pronta a acolher os visitantes. O Duarte parecia um foguete de tão atarefado que estava e no fim até achou que fez um bom trabalho. Depois, instalou-se num ápice no meio das raparigas. Riu-se quando lhe disseram que se ia sentir um príncipe no meio do harém. Hoje,

ele era o único rapaz a participar nesta noite de brincadeiras.

O jantar antecedeu a visita à exposição «Factor Humano – Ergonomia Viva». Neste espaço amplo, situado no piso inferior do pavilhão, amontoam-se objectos feitos à medida das necessidades dos indivíduos. A ergonomia estuda as relações estabelecidas pelo homem com o mundo que o rodeia, tornando-as mais simples e eficazes. Por algumas horas, tomaram contacto com os problemas dos deficientes motores e das pessoas com deficiências visuais e auditivas. Aprenderam a deslocar-se



em cadeira de rodas, a ler e escrever os próprios nomes em «braille» e a transmiti-los por meio da linguagem gestual. Uma experiência que não vão esquecer tão cedo.

Subitamente, à medida que as luzes se apagavam, a escuridão invadia os corredores e salas do museu. Era preciso acender as lanternas e partir em busca do desconhecido.

A viagem até ao segundo andar fez-se com a ajuda das luzinhas, que serpenteavam no ar desenhando riscos nas paredes e nos rostos dos exploradores. Nesse momento, todos sabiam que caminhavam para uma nova etapa à descoberta da ciência. Mesmo às escuras, realizaram com sucesso as experiências nocturnas. O Daniel foi o mais corajoso. Deitou-se sobre uma cama de pregos e foi o primeiro a atravessar a ponte romana de um só arco, que

o grupo montou. O trabalho em equipa resultou às mil maravilhas e foi essencial na rápida resolução dos enigmas. Descobrir a chave que abre a Arca do Tesouro dos piratas e soltar a corda presa no interior de uma estrutura metálica foram as tarefas mais complicadas. Mais fácil foi fazer girar um globo para recriar a atmosfera azulada de Júpiter, soprar bolas de sabão gigantes e pintar desenhos numa parede especial, apenas com a luz das lanternas. De tão absorvidos que estavam com as experiências, nem se aperceberam de que os ponteiros do relógio avançavam depressa demais. Eram onze e meia da noite.

Enquanto aguardavam a chegada do João Pestana, enfiados nos confortáveis sacos de dormir, Carla contou a fábula da Raposa e da Cegonha. O sono não veio de imediato, pelo menos para alguns, porque era grande a vontade de aproveitar todos os instantes desta noite mágica.

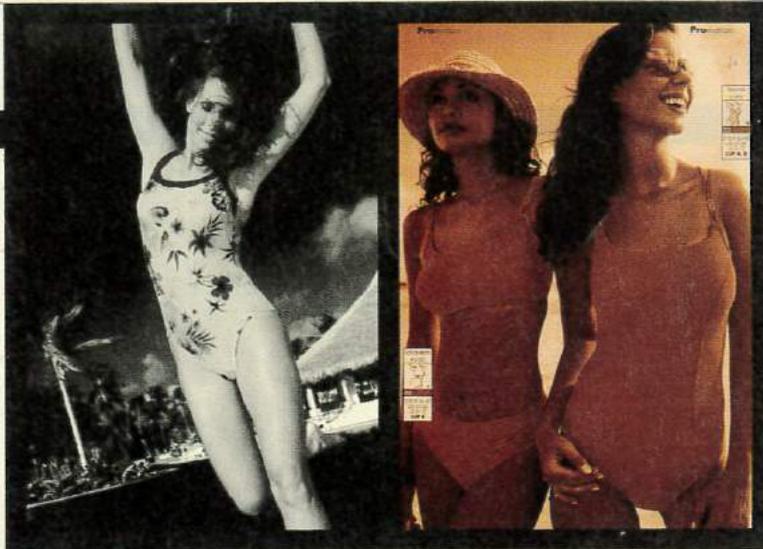
Na manhã seguinte, por volta das dez (logo após o pequeno-almoço), esperava-os mais uma surpresa. A cozinha transformou-se num laboratório. A Ana Margarida já tinha ajudado a mãe a fazer bolos, mas o Duarte nunca tinha posto «as mãos na massa». Colocou o avental, agarrou numa caneca e com a ajuda da Ana Luísa e da Marta — as suas colegas de grupo — confeccionou o «bolo da caneca», uma delícia de chocolate que cresce em dois minutos dentro de um microondas. A receita está no «site» do Pavilhão do Conhecimento (www.pavconhecimento.mct.pt), para ser partilhada com todos os cibernautas.

Os bolos cresceram a uma velocidade surpreendente, como puderam comprovar os cozinheiros de olhos esbugalhados em frente ao microondas. No rosto de cada um dos cientistas, aumentava a ansiedade. O início da manhã ditava o fim daquela experiência, mas também o reencontro com os pais, no «hall» de entrada do pavilhão. Com tantas histórias para contar, os primeiros instantes foram inundados por um burburinho ensurdecedor. Eram onze da manhã e o museu preparava-se para reabrir as portas aos visitantes diurnos. A noite tinha sido longa, talvez a mais longa das suas vidas. ■

«Uma Noite no Museu», todos os sábados até Outubro, no Pavilhão do Conhecimento; marcações pelo tel. 218917100

qualquer tipo de dificuldade em adaptar-se ao seu novo estado. A mastectomia aconteceu aos 45 anos, mas quando se pergunta a Manuela «o que foi mais difícil?», ela responde com um surpreendente «nada». Não é à toa que se considera «uma mulher otimista e forte», apesar de ter noção de que «a maioria não é assim.» A proprietária de um infantário garante que

só não trabalhou 15 dias, entre o diagnóstico e a operação — ao invés da maioria das mulheres, que fica de baixa vários meses, por causa dos tratamentos e da queda de cabelo. «Lidar com crianças ajudou muito», confessa. «Hoje, faço exactamente o mesmo que fazia antes.» Admite que tem «facilidades financeiras, e ainda bem, porque deve haver pessoas que não as têm para comprar tudo o que precisam». A única coisa que a aborrece



A ESCOLHA é ampla e moderna: os fatos de banho para mulheres mastectomizadas (com prótese) são tão bonitos como os outros

mesmo é que, apesar da invalidez de 80%, as companhias de seguros a agravem «em mais de 700%», diz.

Elsa Horta da Costa, 39 anos, solteira e sem filhos, mastectomizada há três, pensou pela primeira vez este ano em reconstrução. Principalmente, porque não gosta da ideia de «não poder usar alças no Verão». Já se informou acerca dos preços — uma reconstrução completa, com mamilo, custa cerca de 3000

contos, sem comparticipação —, mas ainda vai amadurecer a ideia, «porque a associação entre a cirurgia e o trauma ainda está muito viva». Não recebeu apoio psicológico — disse sempre que, se precisasse, o procuraria. Fundamental foi o apoio dos pais e dos amigos, que, garante, «nunca mudaram».

Não tem namorado, nem tinha na altura em que perdeu o peito, há três anos. «A parte sexual fica para segundo plano», afirma. «A sobrevivência passa a ocupar o primeiro lugar.» Com isto não quer dizer que não gostasse de constituir família mas, para a enóloga, o mais importante é estar bem consigo própria. E acha que «se encarar a situação com normalidade, o meu parceiro fará o mesmo». Para conseguir mudar a mentalidade em relação ao cancro no nosso país, acredita que «é preciso não ter medo de falar e não ter vergonha». E acrescenta: «Uma mulher sem um peito não é menos mulher. Até é mais. Por tudo aquilo que passou.» ■

-50%

No preço das chamadas do Boomerang Original e do Top para a rede fixa.

OPTIMUS

